

Contos



VOLTANDO AO LAR

Nisargan



espaço**presença**

Retiros de Meditação
com Nisargan
espacopresenca.com.br

Sumário

Introdução	03
O Rio	04
O Oceano	07
O Lago	09
As Árvores	12
Os Arbustos	14
A Roseira	17
O Beija-Flor	20
A Colina	23
A Nuvem Branca	26
A Águia	29
O Leão	31
O Cordeiro	33
Os Filhotes da Águia	34
A Lua Cheia	37
A Música	39

Introdução

Há muitos anos, uma inspiração... prazerosamente digitalizada sem esforço, seguindo em fluxo até o suave ponto final.

Do Rio, ao Oceano, ao Lago, às Árvores... Todos, à sua maneira, com o mesmo incentivo essencial, que aprendamos a arte de sair do habitual turbilhão de pensamentos desgastantes!

“A humanidade tem apenas uma estratégia de salvação disponível: Meditação!” Osho

Swami Anand Nisargan

Nota: A distribuição deste e-book é gratuita, sendo autorizada sua redistribuição, desde que também gratuita e sem alterações do original.

Outros e-books disponibilizados gratuitamente pelo Espaço Presença:

- Osho Vegetariano
- VEr enGANO

CURSO GRATUITO ON-LINE DE MEDITAÇÕES DO OSHO:

<https://espacopresenca.com.br/oshocurso/>



O Rio

De uma distante galáxia, uma pequena nave espacial veio parar na Terra, e seus tripulantes, encantados com sua beleza, resolveram descer para conversar com seus habitantes.

Ao descerem, o que primeiro lhes chamaram a atenção foram os Rios, e logo concluíram haver uma grande competição entre eles, pois observaram que todos corriam para o Oceano.

“Puxa”, pensaram, “cada Rio deve estar fazendo um grande esforço para acelerar o passo, pois, pelo que deduzimos, quem chegar primeiro será o único a celebrar a vitória!”

Assim, eles se aproximaram de um Rio e lhe disseram: “Como vai, amigo? Talvez você não saiba, mas pelo seu ritmo achamos que tem pouca chance de ganhar a corrida.”

“Que corrida?”, perguntou surpreso o Rio.

“A corrida para chegar ao Oceano! Não se faça de desentendido. De cima observamos vários Rios e percebemos que todos estão se dirigindo ao Oceano e, pelo que concluímos, todos estão se apressando para chegar primeiro.”

E o Rio riu e comentou: “Eu não preciso ser o primeiro nem esperar para chegar ao Oceano para só então me sentir satisfeito, pois já estou me sentindo assim exatamente onde estou. Portanto, não estou competindo nem preocupado com o que há após da curva, já que, quando lá chegar, serei novamente eu mesmo naquela situação.”

E um alienígena perguntou: “Não entendo... Se você está bem onde está, por que está fluindo continuamente?”

E o Rio explicou: “Ao estar presente onde estou, movimentos espontâneos acontecem a todo o momento! O truque é simples: enquanto minhas águas deslizam, não alimento pensamentos desnecessários relativos às paragens que ficaram para trás nem às que estão por vir. Tudo o que faço é manter minha consciência exatamente onde minhas águas estão e, a partir dessa atenção, sempre acontece um fluir criativo adequado à situação atual.”

“Entendo”, disse um dos visitantes, procurando demonstrar que realmente entendia. “Mas, com esse fluir, você deixa de ter uma personalidade fixa, pois o observamos: algumas vezes você vai para a direita, outras para a esquerda, algumas vezes se desloca devagar, outras com mais velocidade, algumas vezes se alarga, outras se estreita...”

“Minha Natureza não é fixa, e sim um fluxo”, respondeu o Rio, “e adoro o frescor de cada próximo momento ser uma surpresa para mim mesmo. E lembrem-se de que sou um Rio, e não uma represa. Um Rio flui, uma represa reprimi; um Rio tem águas sempre frescas, uma represa tem águas estagnadas.”

E o Rio concluiu: “Este fluir harmonioso não acontece apenas comigo, mas com todos os seres da Natureza, cada um à sua maneira. Se vocês não o vivem, é porque deixaram de percebê-lo e de se entregarem a ele. **Mas o caminho de volta existe, e cada um tem como missão encontrar o seu!**”



O Oceano

Surpresos com a mensagem do Rio, os andarilhos do espaço rapidamente se despediram e voaram para o Oceano, na esperança de lá encontrarem alguma semelhança com o que estavam acostumados.

“Que lindas ondas!”, disseram e, imediatamente, ouviram de cada uma delas:

“Eu sou mais linda, eu sou mais linda, eu sou mais linda...”

Agora os visitantes se sentiram um pouco mais em casa, pois perceberam estar havendo uma competição entre as ondas para saber quem era a mais bela.

Mas logo ficaram novamente confusos, pois ouviram uma voz profunda, vinda do mesmo Oceano, que disse: “Não liguem para elas... Elas se enxergam como ondas separadas, daí se sentirem pequenas e precisarem se engrandecer umas sobre as outras.”

“Se é assim”, questionaram os visitantes, “por que você não lhes diz que elas estão unidas ao Oceano e que, portanto, são o próprio Oceano?”

“Essa informação seria perigosa”, replicou a profunda voz, “pois as ondas se iludem ao achar que saber intelectualmente é o mesmo que ‘sentir na carne’, ou melhor, ‘na água’. O que elas precisam não é de informação, e sim de *constatação*, o que só acontecerá quando forem eliminadas as bolhas de pensamentos que as impedem de perceber a si mesmas em profundidade. Um dia elas terão essa percepção, mas, no momento, estão ocupadas demais com o que julgam ‘coisas importantes’...”



O Lago

De novo os peregrinos do Universo ficaram intrigados, principalmente porque lhes pareceu que o Oceano, na verdade, não se referia às ondas, mas a eles mesmos.

Assim, despediram-se novamente às pressas e se dirigiram a algo que haviam visto bem de cima. Parecia um Rio, parecia um Oceano, mas com certeza não era nenhum deles. Era um Lago, e pensaram: “Achamos que ele se isolou nas distantes montanhas por não concordar com seus companheiros de baixo.”

Chegando ao Lago, disseram: “Viemos lhe fazer companhia, sábio Lago, pois não queremos que você sofra em sua solidão.”

“Perdão”, disse o Lago, “mas quem lhes disse que estou sofrendo? Esta solidude é o meu maior tesouro!”

“Não compreendemos”, disseram os aturdidos andarilhos do espaço. “Como alguém pode desfrutar a solidão?”

“Na verdade”, respondeu o Lago, “eu me pergunto como alguém pode desfrutar alguma coisa sem antes desfrutar a si mesmo. O que provavelmente vocês costumam fazer é se ocuparem e se relacionarem compulsivamente na busca de ‘ruídos’ externos que abafem os incessantes ‘ruídos’ de seu maquinário mental. O pavor da solidão é o pavor de escutar, sem os habituais abafadores, a própria mente insana.”

E o Lago continuou: “Em vez de sair à procura de abafadores cada vez mais potentes, desenvolvi um ‘controle remoto’ de meus ‘ruídos’ internos, o que me dá a serenidade, a profundidade e a harmonia que vocês estão vendo. Só assim posso amorosamente me relacionar com vocês, com estes pássaros, com estas montanhas, com este céu... E não estou isolado; aliás, isolamento não existe.”

“Talvez você se relacione com esse ou aquele”, afirmou um dos alienígenas, na esperança de encontrar um ponto falho nos dizeres do Lago, “mas realmente me parece que você está isolado aqui nas alturas.”

“A realidade não é só o que vocês enxergam”, respondeu o Lago. “Vocês não podem ver se erguendo de mim milhares de gotas invisíveis aos seus olhos; não podem ver o vento as levando com delicadeza para o alto; não podem ver que essas mesmas gotas farão parte de outros Lagos, Rios e Mares; não podem ver que também as receberei de volta e receberei outras gotas, vindas de outros Lagos, Rios e Mares; vocês não podem ver que tudo está interligado e que isolamento é algo que não existe no Universo.”

E o Lago completou: “Minha responsabilidade é imensa, pois direta ou indiretamente participo de tudo o que acontece na Existência.”



As Árvores

Mais uma vez os peregrinos do espaço tiveram seus dogmas questionados e, agradecendo a amabilidade do Lago, foram embora decididos a irem ao encontro de algo mais sólido do que águas.

Do que viram, o que mais se destacou para eles foram as Árvores, e logo as abordaram: “Preciosos seres da terra, desculpem nossa curiosidade, mas como conseguem ficar em pé tendo uma base tão pequena?”

“Estamos enraizadas no Agora, e para vocês ele parece muito pequeno, ao pensarem em tudo o que se passou e em tudo o que está por vir”, respondeu uma Árvore florida. “Mas em realidade ele é imensamente vasto, pois estamos nele desde a eternidade, aliás, o Agora é a própria eternidade!”

E a Árvore prosseguiu: “É apenas com nossas raízes no Agora, e não no passado nem no futuro, que podemos obter nossa sustentação e nossa nutrição. É por isso que estar nele nos permite subir às alturas com estabilidade, acolher os ventos com segurança e oferecer flores e frutos com vitalidade!”

Entendendo e não entendendo, um alienígena, tentando fugir da reflexão sobre o assunto, desafiadoramente indagou: “Lindas as suas flores, mas onde estão os seus frutos?”

E a Árvore respondeu: “Para que a pressa? Tudo tem a estação certa, e com plena atencividade estou desfrutando a estação em que estou...”

E a Árvore conclui: “Sei que é difícil entender, mas o passado e o futuro não existem de fato, só em nossos pensamentos, e quanto mais pensamos neles, mais ficamos desatentos ao que a nós está disponível momento a momento.”



Os Arbustos

“Que estranhos os seres deste planeta!”, comentaram entre si os extraterrenos. E um deles sugeriu: “Vamos conversar com aqueles seres parecidos com as Árvores, porém menores. Por algum motivo eles não cresceram como elas, e devem estar bastante contrariados por isso.”

“Olá, Arbustos! Lamentamos muito vocês não terem conseguido o mesmo sucesso que as Árvores em seu crescimento. Mas, se houve alguma trapaça delas, por favor, nos digam, pois se pudermos fazer justiça a faremos de bom grado!”

E um dos Arbustos, percebendo logo o engano, se apressou em esclarecer: “Parece que vocês não entendem que tanto as Árvores como nós, os Arbustos, obtivemos sucesso. Aliás, na Natureza existe apenas o sucesso, pois cada um sempre tem êxito em ser ele mesmo. Nada na Natureza é mais fácil do que

ter sucesso em ser o que se é, pois nenhum esforço é necessário.”

“Desta vez vocês, seres deste planeta maluco, não nos enrolam”, disse irritado um dos forasteiros. “É evidente que as Árvores são maiores do que vocês, é evidente que alguns Arbustos são mais floridos do que outros... Se fôssemos comparar coisa com coisa, veríamos que sempre um tem algo a mais do que um outro!”

E todos os Arbustos deram uma gostosa gargalhada, deixando os visitantes bastante constrangidos, mas um Arbusto sem flores e muito verde logo tentou tirar-lhes o embaraço:

“Desculpem-nos, mas é que para nós essas comparações são realmente muito engraçadas. Nós, seres da Natureza, não temos nenhum julgamento de que ser mais alto, por exemplo, é melhor do que ser mais baixo, nem de que ser mais baixo é melhor do que ser mais alto... Se tivéssemos tais julgamentos, não poderíamos nos entregar ao fluir natural que sempre nos leva a ser o que somos.”

Procurando aparentar tranquilidade, um dos viajantes perguntou: “Mas, se nenhum de vocês tentar ultrapassar o outro, então como pode haver mudança, progresso, evolução?”

“Nosso processo de transformação acontece de dentro para fora, e não de fora para dentro”, respondeu um Arbusto com flores brancas. “Isso quer dizer que não nos preocupamos em apressadamente mudar isso e aquilo de acordo com algum padrão externo, e sim em estarmos atentos à realidade presente e em permitir o processo de transformação natural que surge a partir dessa atenção.”

E o mesmo viajante comentou: “Isso me parece complicado, pois não é fácil perceber a realidade presente sem a distorcemos e sem sermos tendenciosos em relação a ela, principalmente a realidade interna!”

E o Arbusto com flores brancas explicou: “Para que a percepção de nossa situação presente aconteça sem distorções, é essencial abandonar falsas noções de como deveríamos ser. Talvez isso lhes fique mais claro se forem àquela Roseira distante e lhe pedirem para contar a sua história.”



A Roseira

“O lá, dona Roseira, gostaríamos de saber um pouco de sua história de vida”, disse um dos viajantes do Universo.

Com simpatia, a Roseira começou: “Era uma vez uma Roseira que não gostava de seus espinhos, que não gostava de suas raízes tortuosas, que não gostava de suas folhas secas, que não gostava de suas pétalas envelhecidas...

“Essa reprovação começou a acontecer depois de ouvir a conversa de um casal de grilos que, num enevoadado dia, se alojou em suas folhagens. Os dois ficavam trocando figurinhas sobre mandamentos, conceitos, deverias e não deverias, certo e errado, pode e não pode, bonito e feio... E tanto os grilos falaram, e tanto os grilos tagarelaram, que as vozes dos dois penetraram fundo na inocente Roseira e se tornaram seus próprios pensamentos.

“Assim, a Roseira passou a condenar e a esconder dos outros e de si mesma tudo aquilo que, segundo os critérios dos grilos, não se encaixava com o que se espera de uma perfeita Roseira. A partir daí, sua naturalidade se foi e, com ela, sua beleza e bem-estar...

“Um dia nasceu um lindo Lótus nas proximidades da Roseira e, à medida que a convivência entre os dois foi se aprofundando, aos poucos a Roseira foi voltando a ter sua natural serenidade, beleza e vitalidade...

“O motivo não foi nenhuma pregação do Lótus, mas sim o exemplo de profundo respeito por si mesmo: da flor colorida às raízes escuras, do broto jovem à folha que cai pelo impacto do tempo, do seu silêncio sob o luar a seu exultar-se sob o sol... Em nenhum momento a Roseira percebia o Lótus procurando ser outro senão ele mesmo em todas as suas dimensões.

“A Roseira também percebia que essa simples atitude dava carisma ao Lótus, mas sem desencadear nenhuma postura de superioridade. Pelo contrário, ela notava que, com o respeito por si, brotava no Lótus um sincero respeito por tudo à sua volta, da lama que lhe dava origem à brisa que lhe transportava a fragrância.

“Assimilando o exemplo que contagia, aos poucos a Roseira passou a pegar em flagrante os próprios julgamentos condenatórios no momento em que aconteciam, considerando-os não mais como verdades a serem defendidas, mas como parasitas que se alimentam da valorização e da atenção que ela mesma lhes concedia.

“Assim, ao deixar de valorizá-los e ao deixar de dar-lhes atenção, os julgamentos pouco a pouco foram perdendo a sua força, o que resultou em um sinal verde crescente para que a Roseira fluísse não como um Lótus, não como um Cravo, não como qualquer outra planta, mas exatamente como a Roseira que era.

“Este Beija-Flor que saboreia o néctar de minhas rosas tem uma experiência parecida com a minha. Sugiro que também lhe peçam para contar a sua história.”



O Beija-Flor

E o Beija-Flor falou:

“Era uma vez um Beija-Flor que, devido a seus grandes problemas emocionais, foi procurar ajuda de uma das Corujas da floresta.

“Assim, o Beija-Flor se queixou por não gostar de nenhuma fruta e de nada que não fosse néctar, demonstrando estar bastante infeliz por isso, pois esse fato o tornava diferente da grande maioria não só dos Pássaros, mas também da maioria dos outros Animais que conhecia.

“E suas queixas não paravam por aí. Ele também se queixava por ter um sono muito pesado, evidenciando bastante preocupação a respeito, pois observava o sono de seus companheiros da floresta e não encontrava nenhum tão profundo quanto o dele.

“E as queixas pareciam não ter fim, pois seu pequeno tamanho era igualmente motivo de lamúrias, sua necessidade de se alimentar continuamente era de novo motivo de insatisfação, seu não voar nas alturas era também considerado como uma evidência de seu lamentável estado, e assim por diante.

“A Coruja pacientemente ouviu e, após o Beija-Flor deixar de piar, afirmou: ‘De tudo o que você citou, só percebo um problema: **você acreditar em todos esses pensamentos!**’

“E a Coruja continuou, enfatizando que o caminho para o bem-estar do Beija-Flor inevitavelmente precisava passar pela interrupção, passo a passo, de todo e qualquer pensamento comparativo, seja em relação a outros Beija-Flores, seja em relação a outros Pássaros ou a outros Animais.

“E ela completou, ao afirmar que em toda aquela floresta e em todas as florestas conhecidas e desconhecidas, não havia possibilidade de existir um Beija-Flor igual a ele, concluindo que essa singularidade evidenciava o respeito à individualidade que a Natureza lhe concedia.

“A partir daí, o Beija-Flor passou a ter a mesma atitude saudável da Roseira, ao dar-se conta das próprias minhocas mentais e a considerá-las não mais como partes de si mesmo, mas como

intrusas que acabam indo embora quando percebem que não foram convidadas a entrar.

“Com isso, a semente de sabedoria lançada no solo da consciência do Beija-Flor passou lentamente a germinar, tornando-o tão relaxado e satisfeito consigo mesmo como sempre fora destinado a ser.”



A Colina

Após escutarem a história do Beija-Flor, os seres da distante galáxia voaram para o topo de uma colina, a fim de fazerem uma avaliação de tudo o que ouviram até o momento.

“O que mais está me intrigando é perceber que as diferenças entre nós e os habitantes deste planeta estão nos fazendo questionar nossa maneira de viver”, disse um dos forasteiros. “No fundo, estamos com inveja deles, pois percebemos que eles estão desfrutando muito mais a vida...”

“Devemos lembrar que somos de um mundo bastante diferente e que talvez tudo o que eles vivem não se aplique a nós”, interrompeu um alienígena bastante sério.

“É, talvez...”, disseram alguns.

“Apesar de um pouco confuso com tudo o que ouvi, estou curioso para descobrir mais sobre eles”, continuou o primeiro. “Gostaria de saber o que é essencial na maneira...”

“Ser um Observador na Colina”, interrompeu uma misteriosa voz.

“Quem disse isso?”, gritaram alguns. “Quem disse isso?”

“Eu”, respondeu a voz.

“Eu quem? Eu quem?”

“Eu, a Colina onde vocês estão”, respondeu a voz.

“Ah, você! Que susto! Apesar de estarmos sobre você, não lhe prestamos atenção”, disse um dos alienígenas.

“Eu sei, é sempre assim”, comentou a Colina. **“Quanto mais próximo, menos se nota, e nada mais próximo do que o próprio centro a partir do qual tudo é observado...”**

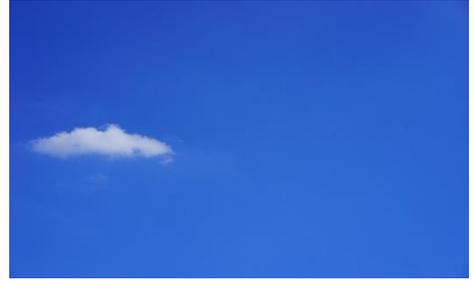
Perplexo com o comentário, o que foi interrompido perguntou: “Sim, mas o que significa ‘Ser um Observador na Colina’?”

E a Colina respondeu: "Significa não estar encoberto por nenhuma nuvem de tolos pensamentos, pois, na Colina, o Observador está sobre essas nuvens, e não sob elas. Assim, na Colina, o observador não está sob o efeito de sombras que lhe anuviam a percepção."

E a Colina completou: "Se vocês aproveitarem a permanência nesta escola chamada Planeta Azul e estiverem abertos a aprender, aos poucos, passo a passo, passarão a se posicionar mais e mais sobre o topo da Colina."

"Mas...", ia dizendo um dos peregrinos.

"Que tal vocês acompanharem esta Nuvem Branca que por aqui agora passa?", sugeriu a Colina. "Talvez acompanhá-la possa lhes esclarecer algo, pois essa não é uma nuvem qualquer, mas uma nuvem de inspirações."



A Nuvem Branca

Após se despedirem da Colina, os seres alheios ao fluir da Natureza se aproximaram da Nuvem Branca e a acompanharam em seu percurso.

“Olá, Nuvem Branca. Esperamos não estar atrapalhando você em sua jornada.”

“Tudo o que me acontece faz parte da minha jornada”, disse a Nuvem, “e fico feliz de agora fazer parte da sua!”

“Então quer dizer que você tem uma jornada em aberto?”, perguntou curioso um visitante.

E a Nuvem Branca respondeu: “É claro que sim, pois aqui nas alturas todas as direções estão disponíveis. Aqui não há trilhos; se houvesse, tudo seria predeterminado e sem graça e eu não teria como responder às constantes mudanças dos Ventos.”

“Mas, estando sujeita às mudanças dos Ventos, você não corre o risco de perder o controle sobre si mesma e de ficar exposta a contratempos?”, perguntou intrigado outro forasteiro.

E a Nuvem Branca respondeu: “Minha segurança está justamente no fato de eu fluir com os Ventos, pois, estando com eles, estou onde devo estar... Se eu estivesse determinada a ir para a direita e os Ventos me direcionassem para a esquerda, então eu ficaria frustrada, irritada e contrariada, mas não tenho motivo de oferecer resistência a eles, pois sei que eles têm uma visão mais ampla do que a minha.”

E a Nuvem Branca continuou: “Convivendo com eles, dei-me conta do quanto eles me ensinam e me fortalecem, e acabei percebendo que todas as situações que os Ventos me apresentam são valiosas para mim. Se ficar atenta, algo eu aprendo ao ser barrada em meu trajeto por uma cadeia de montanhas, algo eu aprendo ao me deparar com um furacão, algo eu aprendo ao trombar com uma nuvem escura, algo eu aprendo ao deixar de ser uma Nuvem pela queda de minhas gotas na terra sedenta...

“O que transforma uma nuvem de leve em pesada”, concluiu a Nuvem Branca, “não é a situação na qual ela é levada a viver pelos Ventos, mas a atitude de resistência a essa situação! Fluir com os Ventos, mantendo plena atenção ao que está

acontecendo, me desvia do tráfego de pensamentos que desencadeia sofrimento, me direciona ao desfrute e me abre as portas a aprendizagens constantes...”



A Águia

Ao se afastarem da Nuvem Branca, logo notaram um grande pássaro voando por perto e sentiram um impulso de se aproximar, o que fez alguns considerarem ser a isso o que a Nuvem Branca se referia sobre “fluir com os Ventos”.

“Olá, imponente Águia, desculpe-nos interromper, se é que estamos interrompendo”, os alienígenas já não sabiam de nada. “É que ouvimos falar sobre o valor da plena atenção ao presente e gostaríamos de saber se isso tem realmente algum valor em sua vida.”

E a Águia respondeu: “É claro que tem! Estar atento ao presente é permitir o fluir harmonioso da vida, pois a vida real flui apenas a partir da percepção da realidade presente e não a partir de nossas ideias sobre essa realidade. E é essa percepção que me diferencia de um avião, pois, embora ele também possa voar, não

é um ser realmente vivo, já que age de uma maneira apenas mecânica, sem nenhuma percepção envolvida.”

E, com um olhar profundo, o pássaro acrescentou: “Mas, se vocês quiserem fluir harmoniosamente com a vida, precisarão ter muita paciência e perseverança, pois esse não deve ter sido o ensinamento, o treinamento ou o exemplo que tiveram. Porém, não importa quão distantes estejam do estado de consciência adequado para isso; o importante é a determinação de chegar a ele!”

Notando certo desânimo nos visitantes, a Águia sugeriu que tivessem uma conversa com um Leão que passava por baixo, pedindo-lhes para retornarem após a conversa com o rei dos animais, pois gostaria de lhes mostrar seus filhotes.



O Leão

“O lá, seu Leão”, disse um alienígena, “estamos aqui porque a Águia nos sugeriu que viéssemos conversar com você, mas no momento não temos nenhum assunto ou o que perguntar.”

E o Leão falou: “Sei por que a visão da Águia sugeriu que viessem a mim, pois tenho um conceito a lhes passar e, se ele for realmente assimilado, será imensamente benéfico a vocês. Guardem-no e usem-no tanto quanto puderem, pois, embora ele não aparente a força que tem, é de fato o segredo dos Leões. Prestem bastante atenção:

“Se vocês quiserem edificar o ‘Templo da Presença’, a cada momento se empenhem em assentar o tijolo que lhes for possível assentar naquele momento, o que significa *estarem presentes* naquele exato momento!

“Por mais distantes que possam estar do término da construção e por menor que seja o tijolo, jamais menosprezem as pequenas conquistas dadas em direção a seu Templo almejado. Cada uma delas é fundamental para que ele um dia se complete!

“Assim, o segredo dos Leões está na *valorização* de cada pequeno passo! Sigam com paciência e perseverança, pois a força que lhes sugiro não está na voracidade, mas na continuidade!

“E não há melhor momento para se assentar um tijolo como neste exato momento! Vocês o estão assentando agora?”



O Cordeiro

“Sim”, foi a resposta, e agradecidos ao Leão, levando a impressão de terem descoberto a simplicidade de assentar um precioso tijolo, os visitantes deste lindo Planeta Azul resolveram voltar à Águia, mas se depararam com um Cordeiro pastando perto do Leão e resolveram questioná-lo.

“Olá, indefeso Cordeiro, você não está se aventurando demais nas proximidades de um Leão, pois se ele estiver com fome poderá devorá-lo em um só golpe?!”

“Não se preocupem”, respondeu o Cordeiro de uma maneira concisa, **“os verdadeiros Leões escutam as suas consciências, e com isso os seus cardápios se transformam...”**



Os Filhotes da Águia

Refletindo com o toque, mas sem se despedirem do Cordeiro, os andarilhos do Universo se apressaram em chegar à Águia, que depois de um harmonioso voo lhes disse: “Ali está o meu ninho com a minha companheira e os meus filhotes. Gostaria que vocês os conhecessem...”

“O que sua companheira está fazendo?”, gritou um dos alienígenas. “Ela vai matar seu filhote!”

“Não se preocupe”, disse a Águia, “é assim que fazemos, no momento certo, para ensinar nossos filhotes a voar. Nós amorosamente os empurramos para fora do ninho, e eles inevitavelmente acabam voando por si mesmos. Não queremos que eles desenvolvam nenhuma dependência desnecessária e nem que se sintam incapazes de fazer o que já podem fazer! Nós não precisamos de seres fracos, inseguros e impotentes à nossa

volta para que, pelo contraste, nos sintamos fortes, corajosos e potentes.”

“E se eles quebrarem a cara no chão?”, insistiu preocupado o que gritou.

E a Águia respondeu: “Sabemos que agora é a hora de eles voarem com suas próprias asas! Não podemos adiar, pois, se adiássemos, iríamos retardar o seu amadurecimento. E, quando o amor é real e não só do bico para fora, ele jamais permite que sejamos possessivos ou desnecessariamente restritivos! Queremos que eles vivam suas próprias vidas, que percorram os céus que quiserem, que tenham a liberdade de voar para onde seus seres os direcionarem.”

E a Águia continuou: “Desde que nasceram, nós os preparamos; portanto, sabemos que assumirem agora a responsabilidade pelas suas próprias vidas é a melhor maneira de aproveitarem com sabedoria a liberdade que é o seu direito. E, como definitivamente queremos criar Águias que sejam Águias, precisamos saber abandonar progressivamente nossa paternidade para que nossos filhotes possam desenvolver proporcionalmente sua maturidade.”

E a Águia concluiu: “Nossa maior obrigação é sermos amorosos e sábios, ao equilibrarmos nosso cuidado com o incentivo à individualidade e à responsabilidade. Assim, damos a medida certa em nossas intervenções, pois qualquer erro na dosagem seria cortar-lhes as asas... Compreendemos que eles são eles e nós somos nós, em essência seres únicos e livres. E para nós, os Pássaros, a liberdade com sabedoria é o maior tesouro.”



A Lua Cheia

Após agradecerem e se despedirem da Águia, os forasteiros notaram a Presença da Lua Cheia despontando no horizonte.

Deslumbrados com sua serena imponência, pela primeira vez se sentiram impelidos a permanecer em silêncio por um tempo, embevecidos pela beleza que viam.

Naqueles momentos, muitos entenderam o que é estar relaxado no presente: consciência penetrante, ausência de pensamentos, deliciosa sensação...

Naturalmente a Lua Cheia nada falou, pois sua própria Presença é uma comunicação muito mais poderosa do que qualquer palavra.

E, também, nenhum comentário foi feito pelos agora extrasserenos, o que internamente lhes deu a certeza de, aos

poucos, estarem realmente aproveitando a passagem por este lindo planeta...



A Música

Quando decidiram voltar a seu mundo, esperando que com toda aquela experiência conseguiriam uma motivação maior para saborearem mais a Vida, ouviram um poderoso e agradável som que novamente fez com que se silenciassem.

Nunca tinham ouvido algo parecido, embora lhes parecesse como um chamado para se voltarem para dentro.

Na busca de sua origem, se depararam com um humano, de olhos fechados, delicadamente segurando e assoprando um longo tubo, e logo perceberam que era desse tubo que o som saía.

Atentos, não se atreveram a interrompê-lo, mas ao ouvirem o som, embora não fosse uma linguagem, compreenderam o seu significado:

“A vida se revela como maravilhosa quando desponta a consciência que a pode perceber.”